

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

Wilson Choeri
UERJ/CP II

No ano letivo de 1942 fui, compulsoriamente, transferido para o terceiro turno por falta de pagamento das mensalidades e taxas escolares. O meu “banimento” se deu no auge da Segunda Guerra Mundial. O falecimento de minha mãe, dois anos antes, trouxera o caos e sérios transtornos à nossa vida familiar. Ainda não estava suficientemente preparado para enfrentar as “investidas miúricas” do Raja Gabaglia em busca da gratuidade. A inadimplência cresceu. O turno da noite abrigava imenso contingente de alunos trabalhadores.

O centro da cidade ainda se mantinha muito dinâmico e concentrava a vida noturna e cultural do Rio de Janeiro. Jovens comerciários, alguns marinheiros e muitos dos aprovados no concurso de madureza precisavam estudar e na maioria dos casos obtinham matrícula no colégio. A “Reforma Capanema” começara a ser implantada; criava-se o Segundo Ciclo de Estudos, dividido nos cursos clássico e científico. Na época era vedada a matrícula de moças no curso noturno.

O corpo docente que ministrava as aulas, na sua quase totalidade, tinha bom nível acadêmico e didático-pedagógico. Em algumas disciplinas rivalizava em eficiência com o elenco diurno. Em virtude da reforma que extinguiu o Curso Complementar de dois nos, que se seguia ao Secundário, foi inevitável o fechamento do excelente Colégio Universitário, mantido pelo Ministério da Educação e Cultura. O Colégio Pedro II passou a integrar, em seu quadro docente, os excelentes professores oriundos do Colégio Universitário.

A maioria foi ministrar aulas à noite, aonde os catedráticos não se dignavam comparecer ou dar o ar de sua graça.

A minha primeira série do curso científico foi privilegiada com os excelentes professores, designados para nos ministrar aulas.

Na disciplina de Português, fomos brindados com a designação do professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que ainda não se projetara como dicionarista.

Homem afável de trato, cortês e benquisto por quantos com ele mantivessem contacto e, também, pelos alunos, não obstante ser rigoroso na aferição da aprendizagem. Beirava os trinta anos, alto e de corpo volumoso. A cabeleira castanho-claro estava sempre revolta. Nordesteño, não possuía o biótipo e as características da maioria de seus conterrâneos; guardava, longinquamente, possível ascendência holandesa. Vestido sempre de terno de linho branco de procedência inglesa, camisa de boa qualidade e gravata mantida sempre frouxa no colarinho. Tipo sanguíneo sempre a transpirar em qualquer época do ano.

A todo instante sacava do lenço, embebido em perfume de boa qualidade, enxugava o rosto e o pescoço e fungava. Trazia nas mãos dois ou três livros que a pasta já não mais pudera conter.

As suas aulas eram excelentes, até mesmo encantadoras e muito ricas de informação. Possuidor de boa voz, impostada e de timbre grave constituía fator altamente receptivo para o aprendiz. Provavelmente, por algum desvio do septo nasal, a todo momento fungava e ato contínuo, com lenço sempre na mão, enxugava o suor.

A nossa irreverência crônica não demorou a encontrar apelido para ele: – “Leão da Metro”. De fato: a sua leonina cabeleira revolta lembrava a juba do animal e o cacoete de virar a cabeça para o lado, ao fungar, lembravam a abertura dos filmes produzidos pela Metro Goldwin Mayer que iniciavam, sempre, com o logotipo representando a cabeça de um leão urrando e circundada de estrelas.

As aulas do “Leão da Metro” começavam às dezenove horas e tinham sempre bom público. Se fossemos fazer paralelismos entre os mitológicos Nascentes, Oiticica, Quintino do Valle e ele poderíamos explicitar: o Nascentes era um caleidoscópio de informações culturais e da estrutura do idioma. As aulas tinham como centro gerador de impulsos três fatores: os fatos cotidianos, o conteúdo programático estabelecido e a intenção de não se restringir ao fato gramatical pela sua evolução cultural, porém tornar emergentes os aspectos etimológicos destacados.

Já nas aulas do Oiticica prevaleciam a rigidez da nomenclatura gramatical e a disciplina germânica. Inovador, não abria mão da nomenclatura gramatical que defendia e à qual ainda não encontrara muitos adeptos.

As aulas do Quintino do Valle tinham características cartesianas, logicamente lineares. Anunciado o tema da aula, o desenvolvia em etapas sucessivas, mostrava com citações dos clássicos as formas canônicas e a seguir as formas e usos atuais, enfatizando o dinamismo da língua. Ao concluir, induzia e até, subliminarmente, infiltrava na mente do aluno normas e conceitos com que deveria gizar, posteriormente, sua maneira de se expressar. Lembrava sempre que a língua evolui.

O Aurélio Buarque de Holanda procurava transmitir conceitos e normas a partir do texto literário; explicitava o modo escorreito de se redigir, partindo dos fatos gramaticais inseridos no texto dos bons autores e os fazendo emergir para serem incorporados e absorvidos pelos alunos.

Aqui se expressa nada mais que opinião de um ex-aluno que teve sua graduação acadêmica no campo da ciências físico-matemáticas.

Em uma de suas aulas, o mestre Aurélio trouxe-nos dois textos descritivos impressos, sobre o estouro da boiada: o de Rui Barbosa e o de Euclides da Cunha, aqui transcritos abreviadamente:

Rapazes, vou ler e vocês acompanharão a leitura. Iremos trabalhar e fazer paralelismo entre esses dois textos. Vejamos primeiro, o de Rui Barbosa.

“Já viste explicar o estouro da boiada?”

Vai o gado rota segura e mansamente chã e larga, batida e tranqüila ao tom monótono dos *eias* dos vaqueiros.

Caem-lhe as patas no chão em bulha compassada, oscilantes as cabeças, pendente a magrém dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sobre o dorso da manada.

Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a resignação das alimárias. Dir-se-ia a paciência em marcha, em pachorrenta andadura, espertada de quando em vez pelo aguilhão do boiadeiro.”

Ao terminar de ler o trecho, deu início às explicações. A leitura feita pelo professor tinha ritmo, entonação, não constituía um cantochão descolorado.

Vejam a beleza e a riqueza verbal com que Rui se exprime. Consegue, como se fosse um pintor impressionista, imprimir e usar com palavras o sentido onomatopaico do gado se deslocando.

É interrompido por uma voz vinda do fundo da sala:

– Mestre, o que é onomatopaico?

Vibrando com a pergunta, não se faz de rogado e fornece a explicação pedida.

– O conjunto de palavras em que de forma harmônica imita a lentidão da caminhada do gado. É a reprodução imitativa do significado das coisas... É a reprodução da pronúncia das palavras que lembra sons da natureza e das coisas.

Após a pergunta, a vibração do professor cresce e nos chama a atenção para outros aspectos do texto:

Observem que o segundo período do texto é também onomatopaico, vejamos “caem-lhe as patas em bulha compassada”, logo o leitor infere com as palavras o ruído: “bum, bum, bum”, o escritor fez sonoplastia. Vocês, quando ouvem as novelas radiofônicas, percebem que entre as falas dos atores ouve-se, em surdina, a música ou ruídos de chuva, trovoadas, galope de cavalos. Os bons escritores encadeiam as palavras e fonemas com eles gerando ruídos e até mesmo estados de espírito que podem oscilar da euforia à depressão. Podem com fonemas ou grupo deles reproduzir sons da natureza. Cruz e Sousa, poeta simbolista, em um de seus versos, reproduz com palavras, para quem lê a rapidez do raio ao riscar o céu: “Rápido o raio rútilo retalha”. Essa figura de estilo chama-se, também, aliteração.

As perguntas pipocavam e lá se ouve a voz de um aluno a perguntar:

– Professor, nesse trecho há muitas palavras e expressões que jamais vi ou ouvi: *magrém dos perigalhos*, *aspas no ar*, *silva rasteira*.

–Vamos lá pela ordem: *magrém dos perigalhos* é a magra pelanca que pende no pescoço dos bois e vacas, logo abaixo da cabeça; *aspas no ar* são os chifres do boi, observem que imagem bonita, eles em sendo pequenos o autor compara-os aos pequenos sinais gráficos, mas realmente é sinônimo de chifres, cornos; *silva rasteira* é a expressão que Rui usa para figurar que as centenas de chifres, isto é aspás, se assemelham a floresta de baixa altura, isto é, rasteira.

Agora, segue inquirindo a turma:

– Quem de vocês já teve a oportunidade ou a curiosidade de olhar, de perto, um boi ou vaca. Qual a percepção que têm dos olhos desses animais?

O Waldomiro de Oliveira Lima, matogrossense e filho de fazendeiro, criado no meio do gado, é quem toma a iniciativa de responder, com seu jeito de caipira:

– Eles têm um olhar apagado, mortiço, triste. Menos o touro, este tem os olhos faiscantes.

– Ótima contribuição. Quem me dirá, agora, o significado de *pachorrenta andadura*?

– É caminhada, andar preguiçosamente;

– Certo, é lentidão, vagarosidade.

Feita essa digressão interpretativa, Aurélio retoma a leitura do texto, da mesma forma que fizera na primeira parte. Analisa literariamente as expressões: “uma rês se alevanta”, “o pânico em desfilada”; “legião de demônios os tangessem”; “barrancos por davante”.

Terminada a aula, lembra-nos que na aula seguinte seria abordado o texto de Euclides da Cunha e se faria a comparação estilística com o texto de Rui Barbosa

Surpreendentemente, na aula que havia programado para dar seqüência à comparação, comunicou-nos:

– Antes de ler o *estouro da boiada* de Euclides da Cunha, para que possam sentir melhor e alcançar o estilo desse autor, vamos analisar o texto que antecede ao trecho que estudaremos. É antológico e muito difundido. Vejam, relacionei:

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules - Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gíngame e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. [...]

Mas, se uma rês *alevantada* envereda, esquiva, adiante pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta do gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas”.

Recebido o texto por todos, Aurélio começa propriamente a aula.

– O trecho que escolhi retirei-o do livro *Os Sertões*. Ele não está seqüenciado, selecionei apenas pedaços que servirá para a aula. Euclides descreve dois tipos díspares: o *Gaúcho* e o *Sertanejo*.

Observem que, no primeiro período, o autor faz a distinção entre os dois tipos humanos que vivem no Nordeste: o homem do sertão semi-árido, parco de chuvas, em que a atividade predominante é a pecuária; o outro, do litoral, onde a pluviosidade é mais freqüente.

O sertanejo, enxuto de carnes, curtido pelo sol é mais rijo, mesmo que a sua aparência nos leve a imaginá-lo um fraco, entretanto, ele é um forte. O litorâneo não tem a enxutez de carnes; o raquitismo que lhe atribui o autor parece se derivar da vida sedentária e a neurastenia decorre da agitação das cidades.

Com perspicácia quer testar o nível de informações culturais da turma e lança uma pergunta:

– Qual de vocês é capaz de nos explicar por que depois do autor escrever “É desengonçado, desgracioso, torto”, inicia o período que se segue colocando dois nomes próprios: Hércules – Quasímodo?

Açodados, todos nós, queremos explicar, pelo menos a maioria conhece Hércules, mas ninguém consegue identificar Quasímodo.

– Certo, rapazes, Hércules é um herói da mitologia grega. É verdade que realizou os famosos trabalhos que os Deuses do Olimpo lhe propuseram. É o símbolo da força. Ouvi, na algazarra que fizeram para responder, um de vocês dizer que o estreito de Gibraltar, e o rochedo, antes de ter esse nome, chamavam-se Colunas de Hércules... Na mitologia grega atribui-se a ele, com a sua força descomunal, haver aberto a comunicação entre oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo. O adjetivo *hercúleo*, isto é, referente a Hércules, figurativamente pode ser usado quando se refere a dificuldades imensas; “trabalho hercúleo”; “missão hercúlea”.

Professor, por que Quasímodo?

– É um personagem retratado pelo escritor francês Victor Hugo, no romance *Notre Dame de Paris*. O personagem era corcunda e de imensa fealdade, surdo, porém dotado de grande delicadeza e sensibilidade.

Ao escrever Hércules - Quasímodo o autor quis retratar o sertanejo como síntese de força, energia, fealdade e também sensibilidade.

Passados mais de sessenta anos, minha “memória regressiva de velho” faz vir à tona a beleza da explicação dada, quando nos foram explicadas as expressões: *rês alevantada, envereda esquiva, caatinga garrachenta*.

Sublima-se ao destacar “crivando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente, nos dédalos inextricáveis das juremas”

Lá fomos nós incorporando conhecimentos ao aprendermos que *acicates* como sinônimo de esporas; que a espora do sertanejo têm rosetas de diâmetro maior que as usadas no sul do país.

– Observem, jovens, que *dédalos* tem mais força que o seu sinônimo “labirinto” e a expressão “inextricáveis das juremas” enriquecem e embelezam a descrição. A palavra *inextricável* indica emaranhado indeslindável.

Ao explicar a palavra *inextricável*, emergiu o dicionarista ao nos indicar que a palavra poderia se acrescentar *n*, grafando-se também *inextrincável*.

Os textos de Rui Barbosa e Euclides da Cunha tomaram duas semanas de explicação. A análise do estouro da boiada de Euclides da Cunha foi simplificado, mas o professor não abriu mão de falar do trecho:

“De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando num estremeção repentino, aqueles centenares de dorsos luzidios. Há uma parada instantânea. *Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se e embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura...*”

– Vejam como o autor consegue retratar, com fidelidade o *se* reflexivo e os verbos adequadamente escolhidos, o entrechoque do gado. Sintam como os dois autores foram diferentes com formas capazes de retratar a *arrancada, a arribação do gado*. Rui fotografa, Euclides cinematografa.

Continuando, nos propõe:

– Quero deixar como tarefa o seguinte: após rerelem novamente os dois textos deverão escrever como imaginariam o estouro da boiada. Aqueles que só a viram em filmes de *faroste americano* tentem, também, reproduzi-la. Virando-se para Waldomiro de Oliveira Lima, exige dele que em sendo matogrossense, nascido em fazenda de gado, descreva o estouro da boiada, já que demonstrara, em conversa, havê-la presenciado.

Aurélio ao recolher as redações, coisa rara, hoje, entre alguns professores de Português, leu-as todas.

Ao Waldomiro lhe disse:

– Gostei da sua descrição, há uns pecadinhos de acentuação, crase e uma concordância mal feita. Destaquei três palavras usadas que não as conheço.

– Professor, são usadas lá na minha terra nas conversas dos vaqueiros. Nos galpões e na rotina de quem cuida do gado.

Aurélio anotou-as e nos disse: irei colocá-las no dicionário que estou elaborando, como brasileirismos. Lamento que minha memória regressiva não as tenha registrado, pois agora as reproduziria.

Nossas aulas, algumas vezes abordavam os clássicos portugueses. Ao invés de nos intoxicar com *Os Lusíadas*, obrigando-nos a analisar suas estrofes, estâncias e cantos ir garimpar na procura da oração principal, identificar o objeto direto, adjuntos ou orações reduzidas, levava-nos a conhecer a poética camoniana.

Ouçõ ainda hoje, em surdina, com os ouvidos da lembrança e da saudade, a voz grave de alagoano, já aculturado no Rio de Janeiro a ler o belíssimo soneto seguido de explicações.

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário por entre a gente;
É um não contentar-se de contente...

– Rapazes, sintam a atualidade deste soneto escrito há mais de três séculos e meio... É de fazer inveja a qualquer poeta romântico de nossos dias.

Não obstante ser benquisto pelo alunado, cordial, Aurélio não escapava das nossas brincadeiras eivadas de irreverência.

Ao longo dos dois anos em que fomos seus alunos, só uma vez vimo-lo zangado e ficar irritadíssimo. Como sempre a chegar à sala anunciou do que iríamos tratar:

– Hoje, vou ler e comentar um dos mais belos sonetos da língua portuguesa de autoria de Camões.

Antes de iniciar a leitura, nos adverte:

– Dizem que o soneto fora dedicado a uma dama da corte portuguesa a quem o poeta amara e havia, precocemente, morrido. O seu nome era *Caterina* e o soneto passou a ser conhecido por *Natércia*, anagrama de *Caterina*. Advirto-os que há dúvidas sobre a veracidade do nome do soneto.

Após exauridas todas as explicações que o texto propiciava, inclusive registrar que “viva eu cá na terra sempre triste”, era admitido por alguns professores como exemplo do uso do imperativo na 1ª pessoa do singular; opinião que por ele não era abonada, arrematou:

Alguns detratores do vate português acusam-no, nesse soneto, de haver plagiado o poeta italiano Petrarca. Ele pode até ter se inspirado nele, mas daí se dizer haver cometido plágio, é muito exagero e má vontade. Camões, em minha opinião, nada fica a dever a Dante ou até mesmo a Shakespeare como épico. Tivesse ele escrito em outra língua seria muito mais conhecido. Certo, certíssimo, estava o mestre Alexandre Herculano quando disse ser a língua portuguesa o “túmulo do pensamento” por ser ela só falada em Portugal, Brasil e um pouco na África.

Ao concluir e haver enxugado o suor e fungado mais do que costumeiramente, dirigiu-se à turma:

– Vocês, francamente, não concordam comigo que o soneto é belíssimo e perfeito?

– Não, professor! Ele tem um defeito grave casquinou o Genivaldo, gozador juramentado.

– Jovem, por amor de Deus, não me venha dizer que “alma minha” é cacófato ou que “te partiste” tem um *te* inconveniente. Ele é um expletivo, usado pelo poeta para que o verbo continuasse decassílabo.

– Mestre, não é nada disso. Por favor releia novamente o soneto, a partir do verso “Se lá no assento etéreo, onde subiste”.

O Aurélio não percebeu a cilada que lhe estava sendo armada e anuiu na leitura.

– *Se lá no assento etéreo, onde subiste, Memória desta vida se consente, Não te esqueças daquele amor ardente Que já nos olhos meus tão puro viste.*

Ao concluir este decassílabo, o Genivaldo pediu que parasse.

– Professor, aí é que está o erro de Camões, precisamente aí. – Como erro? Onde?, se impacientou o Aurélio.

– Camões não perdeu nas Índias um olho em combate? Logo ele deveria ter dito “Que já no olho meu tão puro viste”.

A turma ao ouvir a gozação explodiu em sonora gargalhada.

Aurélio Buarque desceu do estrado docente, indo na direção do gozador, berrando:

– Sacrilego! Sacrilego! Como você pode conspurcar essa jóia da literatura mundial, com tamanho disparate. Safado, energúmeno, sacripanta, fora da sala, jamais ouse retomar às minhas aulas.

Rubro de raiva, recolheu seus livros e abandonou a sala, berrando.

– Por hoje não há mais aula, talvez nem volte mais aqui.

Um grupo, percebendo que o Aurélio se ofendera, e a brincadeira fora longe, partiu para a sala de professores para se desculpar. Não se fez de rogado, aceitou as desculpas, mas não queria ver o Genivaldo. Na primeira aula, após a brincadeira, ao ingressar na sala, o recebemos com demoradas palmas.

Na época em que nos ministrava aulas, publicou o livro de contos “Dois Mundos”. Leu-nos um deles, a “Feira de Cabeças”. O bando de Lampião, Virgulino Ferreira, fora dizimado pela Volante da Polícia Alagoana. A ação foi impiedosa e macabra. O comandante da Volante determinou que seus soldados decepassem as cabeças dos dez cangaceiros e de Maria Bonita, companheira de Lampião. Levou-as, como troféu para serem exibidas ao público nordestino. Posteriormente as cabeças mumificadas foram entregues ao museu Nina Rodrigues. O bando foi aniquilado, em 1938, e Aurélio Buarque leu-nos o seu

conto, em 1942, antes do livro vir a ser vendido. Analisou, em sala, vários aspectos do cangaço e chamou nossa atenção para a violência dos cangaceiros e dos seus perseguidores. Dizia-nos que a injustiça e a miséria social era uma das causas propiciadoras da violência. Explicitou-nos a ação dos coiteiros. Ao ler alguns dos contos que escrevera mostrou-nos as técnicas, os cuidados e requisitos que se deveriam ter para produzir um bom conto. Indicou-nos para leitura contos de Machado de Assis, Monteiro Lobato, nos *Urupés*, e Guy de Maupassant, o mestre francês.

Estimulou-nos, através de um breve concurso, a que criássemos imagens literárias. Ao julgar destacou algumas que considerou de elevada originalidade. Os concorrentes deveriam ler sua criação em sala de aula. Alguns mal iniciavam, eram sumariamente desclassificados, malandramente, haviam extraído de algum livro famoso, imaginando não serem descobertos. Vibrou, aplaudiu e teceu grandes elogios, quando Ozari Bailão leu a sua contribuição. Aqui estão: – guardei-as e as memorizei.

“A tarde quente, úmida e abafada, estava monótona, monótona, como uma dizima periódica”. “O vento, como um moleque arteiro, pulou a janela e esparramou a papelada pelo chão”.

Nas múltiplas tentativas de levar-nos a escrever, recomendou-nos a revista *Seleções do Reader's Digest*, onde era colaborador, que passara a ser editada em português. Ele possuía duas seções interessantes: a de condensação de livros de sucesso e outra, com o título “Meu tipo inesquecível”. Dizia-nos: “A condensação de um livro é tarefa difícilíssima. Requer talento para que a obra literária e os aspectos fundamentais não se percam ou sejam mutilados. Proponho e está a alcance de vocês descrever os seus tipos inesquecíveis. Sugiro, para daqui a quinze dias, que me tragam um texto retratando seu tipo inesquecível. Quem de vocês não conhece ou já viu em sua cidade, bairro ou rua um tipo inesquecível? Mãos à obra!”

Preparamos, em grupo, o nosso tipo inesquecível, tendo o Ozari Bailão como escriba-mor e nós dadores de idéias. Decidimos que teria o nome Aureliano e seria professor. Retratamos o tipo inesquecível de forma que ele se parecesse com o nosso professor de português. Safadamente, não se deixou de colocar o apelido que lhe déramos. “Aureliano, por antonomásia “Leão da Metro”. Para não usar a palavra apelido, colheu-se no dicionário o sinônimo *antonomásia*.

Numa das descrições do nosso tipo inesquecível foi registrado “Aureliano, enxudioso, sempre transpirando, resfolegando mais que uma locomotiva, além de ser um fungador permanente. Fungava na aula, no corredor em qualquer recinto, até na missa atrapalhando a reza. Fungava, fungava mais que um “Gostoso” ao ter que frear na Av. Rio Branco, quando o trânsito se interrompia.

Explicamo-nos: na época fora renovada a frota de ônibus da cidade. Haviam chegado ônibus modernos e aerodinâmicos e o sistema de frenagem era a “ar comprimido”, semelhante aos dos bondes. Ao se deterem, o ar comprimido, quando o motorista tirava o pé do freio, soltava-se fazendo ruído de fungamento. Astutamente, fizemos o nosso tipo inesquecível ter muitas virtudes, bons sentimentos e ser de grande cultura. Coube ao Ozari ler o texto, assinado pelo grupo. Esperávamos o que iria acontecer. Aurélio Buarque de Holanda se identificou logo, logo, como sendo aquele tipo inesquecível. Deu gargalhadas, perguntou o porquê dos apelidos “Leão da Metro” e “Gostosão”. Teve senso de humor ao achar originais as comparações, mas um pouco exageradas.

Como seu aluno não teve mais contato com ele. Deixara de ministrar aulas no curso noturno, passara definitivamente a reger as turmas do Curso Clássico. Na época, além das aulas, fazia revisão de português, pontuação dos livros de grandes romancistas: – Jorge Amado, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Jorge de Lima e outros. Não nos consta que Graciliano Ramos procurasse o Aurélio. Identificou-se com um grupo de seus alunos que editava a revista *Alfa-Ômega* entre eles Fernando Ferreira de Loanda, Aloysio Jorge do Rio Barbosa, Fred Pinheiro, Alzira Vieira de Brito e muitos outros.

O João Luís Ney, na época ainda sob a influência de José Oiticica, não lhe dava muita atenção. E mais dele se afastou, quando Aurélio criticou os editores da revista ao optarem pela palavra *ômega*, na forma proparoxitona. João Luís havia feito belíssimo artigo introdutório, discutindo qual a forma mais adequada e erudita: *Ômega* ou *omega*. Aurélio sem saber da presença do autor, criticou a opção feita de forma irônica e com argumentos pouco precisos. João Luís, que havia pesquisado, dando vazão ao seu espírito de polemista e brigão, disse, sem meias palavras, que a crítica era muito superficial e sem lastro e não a acolhia. Mostrou-lhe irônico argumentos outros que guardara para se defender de quem viesse a criticar. Aurélio ao receber provas tipográficas dos livros que revisaria, deixava a revisão gráfica para o Aloysio Jorge, Aury Valente Avilez, Fernando Ferreira e cuidava em corrigir o texto.

Nessa época, os jornais publicaram um manifesto assinado por José Lins do Rego, Jorge Amado, Carlos Drummond e outros literatos em que categóricos afirmavam jamais pleitear ingresso na Academia de Letras. Aurélio Buarque de Holanda negou-se a assinar; considerou extemporâneo e até ofensivo. Mais tarde, todos os signatários, com exceção de Carlos Drummond, inscreveram-se, peregrinaram pedindo votos e parcela significativa deles se imortalizou academicamente.

Aurélio Buarque de Holanda manteve, ao longo dos anos, trajetória intelectual e acadêmica sempre ascensional.